PENTAGRAMA

2002 NÚMERO 2

Revista bimestral do

LECTORIUM ROSICRUCIANUM



VIOLÊNCIA OU NÃO VIOLÊNCIA

O país da Luz da paz eterna

Os sinais secretos dos rosacruzes

O DECLÍNIO COMEÇA DESDE O NASCIMENTO

IMPOSSÍVEL ESCAPAR DISSO?

MÁSCARAS DO MENTAL

GUERRA E PAZ NO ESPAÇO E TEMPO

VERDADE, LIBERDADE, ESPADA

A LUTA, DIVERTIMENTO OU ESCOLA DA VIDA?

PENTAGRAMA

Tema deste número:

GUERRA E PAZ
NO ESPAÇO E
TEMPO

A guerra é tão antiga quanto a humanidade: é a companheira e o pólo oposto da paz. Quase todos os aspectos da vida estão sob a influência desses pólos que deixaram marcas profundas.





ÍNDICE

- 2 VIOLÊNCIA OU NÃO VIOLÊNCIA
- 4 O país da Luz da paz eterna
- 9 Os sinais secretos dos rosacruzes
- 12 O DECLÍNIO COMEÇA DESDE O NASCIMENTO
- 15 IMPOSSÍVEL ESCAPAR DISSO?
- 20 MÁSCARAS DO MENTAL
- 26 GUERRA E PAZ NO ESPAÇO E TEMPO
- 32 VERDADE, LIBERDADE, ESPADA
- 36 A LUTA, DIVERTIMENTO OU ESCOLA DA VIDA?

Ano 24 Número 2

Violência ou não violência

Estamos no pátio de uma escola. Os alunos estão saindo para o recreio. Eles se juntam em grupinhos e discutem a respeito do que aconteceu na classe. Esses grupinhos se misturam entre si e os comentários vão se espalhando por toda parte; há brincadeiras, gozações, e, aqui e ali, uma censura ou uma brincadeira de mau-gosto. Reação é o que não falta. Uma provocação causa gestos de defesa e, se o inspetor estiver olhando para o outro lado... lá vêm socos, mochiladas ou guerra de refrigerante.

É sabido que, por natureza, o ser humano tem a tendência de elevar-se às custas dos outros, de pisar nos outros, de desprezá-los e combatê-los. Entretanto, há também no pátio dessa escola alunos que não se deixam arrastar pelo turbilhão de pequenos desentendimentos e briguinhas mesquinhas de todos os dias. Talvez porque a educação deles esteja acima disto e por olharem o mundo, a vida, por um outro plano, não estejam mais entre os chefes do bando. Eles se afastaram por um tempo, mas sabem que os outros vão fazer de tudo para arrastá-los de volta para a turma.

E assim caminha a humanidade. Quando pequeno, no pátio do recreio ou no clube esportivo; quando grande, nas milhares de batalhas onde soldados armados até os dentes se defrontam. A violência gera violência e não consegue acabar com a violência. Os homens se arrastam mutuamente numa interminável reação em cadeia, porque eles não conhecem nada melhor, ou porque não querem conhecer! Pois, logo que o instinto da violência se libera, ele obscurece a razão. Os problemas da personalidade man-

têm o movimento. Os que são limitados e mesquinhos se atiram sobre os outros, que nada podem fazer. Em escala maior, as manobras políticas e as medidas repressivas, muitas vezes seguidas de guerras, são reações semelhantes. No pequeno livro intitulado «Vrouw» (Mulher), da Sra. Stiemens-Hopman, publicado em 1924, a autora afirma sobre a declaração da Primeira Guerra Mundial: «Quanta gente se verá, agora, diante do sofrimento em sua forma a mais cruel, a mais aguçada, sem esperança de saída. Muitos perderam sua fé em Deus pelo fato de uma atrocidade tão grande ter-se tornado possível. Os homens esqueceram sua culpa e a transferiram para Deus. E, de repente, percebi uma incontestável verdade: todos nós, todos, sem exceção, éramos culpados do desencadeamento mundial da guerra. Nós conhecíamos o Amor, mas não o tínhamos vivido como Deus o exigia. Cada um de nós trabalhava e plantava seu jardinzinho, mas, ao grande jardim do mundo, cheio de potencialidade, ainda não tínhamos dado o verdadeiro valor, por assim dizer. Seria agora tarde demais para plantarmos nele nossas flores? Nossos jovens vão chegar e vão nos encher de perguntas. Todos estes acontecimentos, como perturbarão suas almas jovens e puras! Como me sinto inútil, desesperada e pobre, quando penso no que direi a eles!»

O que poderia ela dizer? Que os homens não querem aprender? Que devemos aceitar as coisas como elas se apresentam? Isso não está de acordo com suas reflexões preocupadas. Ela descobriu que todos, nós todos sem exceção, somos causadores de nossa miséria pessoal e da miséria das outras pessoas, e que não podemos culpar o Criador. Talvez ela também tenha des-

A criança fica impotente diante da violência que seus pais e educadores desencadeiam. William Nicholson, King Albert's Book, 1914.



coberto que existe um outro caminho: afinal, ele existe! É o caminho que nos tira do círculo vicioso das tribulações humanas, o caminho de uma evolução superior de toda a humanidade. É para este caminho que os redatores deste número da revista Pentagrama dirigem seus pensamentos. Eles pesquisa-

ram a origem da guerra e da violência, e também a Fonte da Paz eterna, que, apesar de todos os seus extravios, a humanidade ainda espera, um dia, encontrar.

A Redação

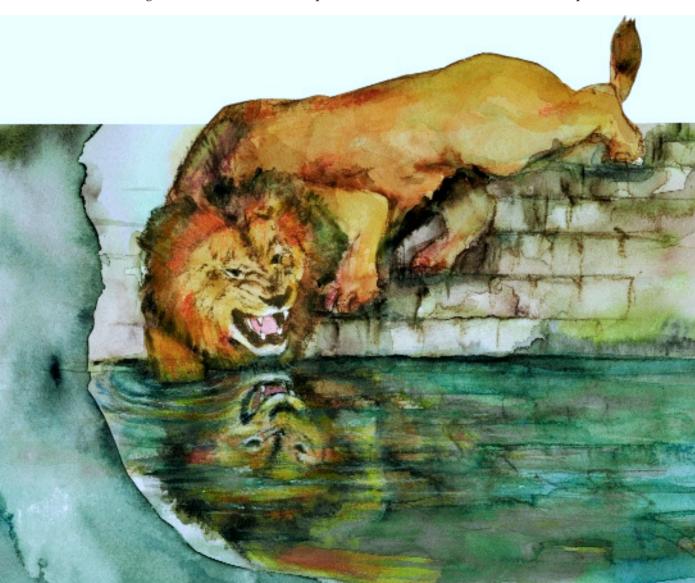
O país da Luz da paz eterna

Guerra e paz, luz e trevas, dia e noite. Tais contrastes, nos escritos gnósticos, não se referem às situações sempre mutantes e inconciliáveis que se engendram umas às outras em nosso mundo, mas designam dois campos de vida fundamentalmente diferentes.

No país da Luz Divina, o homem regenerado encontra a vida pura e a

paz eterna, estados que não existem na natureza terrestre – ou que apenas existem temporariamente como fases de transição. Por isso, é certo falar-se sobre um campo de vida instável, onde a luta e a paz se sucedem e onde a morte domina.

Mas muita gente aspira a uma paz duradoura e começa a lutar por ela. Outros dizem: «nós só podemos mudar o mundo se começarmos por nós mesmos» – e fazem o melhor possível



para viver em paz com os outros, mas isso dura pouco tempo e vem então a decepção: tudo que os rodeia rompe a harmonia aparente, e o ser interior, perturbado, se revolta. Novos desejos, novas idéias, destroem o equilíbrio alcançado, e chega-se novamente ao ponto de partida. Esse processo de mudanças sucessivas é próprio da natureza terrestre que não consegue o equilíbrio permanente, de forma que jamais alguém encontrará a paz verdadeira e durável, isto é, eterna.

«O que está embaixo é como o que está em cima». Este axioma hermético encerra uma conclusão muito importante: se o homem mudar fundamentalmente fazendo calar o seu eu, esse eu que é o pólo oposto de Deus, pode desenvolver nele, interiormente, um ser da eternidade. Então, no mesmo instante, esse homem participa do campo divino, seu campo de vida original. Somente após uma transformação profunda de seu ser é que o homem, como microcosmo, recebe a possibilidade de participar da paz divina. Unicamente o homem-luz, isto é, o homem cujo eu já não comanda, entra no país da Luz

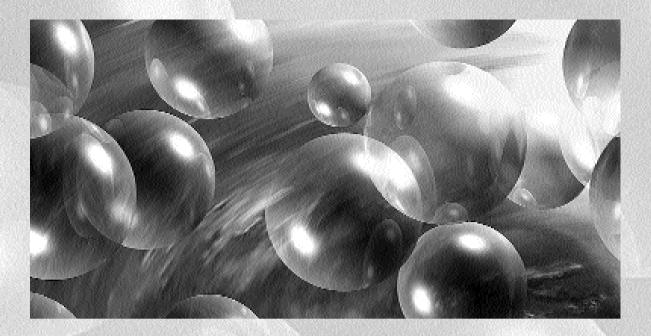
Mestre Eckhart, no século XIII, exprime essa verdade assim como se segue: «Vós estais em Deus na medida em que estais em paz, e fora de Deus na medida que não estais em paz».¹ Na tradição cristã, Paulo dá testemunho, em suas Epístolas, «da paz de Deus que ultrapassa todo entendimento» (Filipenses, 4:7). Ele diz que é «fruto do Espírito» (Gálatas, 5:22) e faz esta advertência: «Porque a afeição pela carne é a morte, enquanto que a afeição pelo espírito é a vida e a paz.» (Romanos, 8:6).

Orientação pelos símbolos

Onde se encontra o país da paz? E onde começa o caminho que leva até ele? O campo de vida do Espírito, a verdadeira pátria do homem, é indefinível pela palavra, porque ele escapa à consciência terrestre, que não pode sequer imaginar nem especular a respeito. Por isso, os instrutores utilizam analogias e símbolos, a fim de orientar, tanto quanto possível, os pensamentos e sentimentos de seus alunos para esse campo de vida original e para lhes mostrar o caminho. Para aqueles que, durante sua vida, dão prioridade ao caminho de retorno à pátria original, esses relatos e símbolos parecem perfeitamente justos. Eles descrevem as próprias etapas desse retorno, dirigem-se à alma plena de aspirações e a provêem de um alimento espiritual. Para outros, esses símbolos e imagens só mostram o lado exterior da vida interior e não a verdade que está subjacente a todos os fenômenos. Para compreender os símbolos e alegorias que encobrem os ensinamentos espirituais de todos os povos, é preciso penetrar num outro mundo. Assim considerada, a verdadeira compreensão de um símbolo sagrado é um toque divino, a Luz sobre o caminho.

Esses símbolos são muito numerosos. Para compreendê-los, é preciso ter adquirido uma certa consciência. O peregrino deve encontrar-se sobre o caminho, travar ele mesmo um combate interior e vencer toda a resistência que está nele mesmo e não nos outros! Os conselhos e descrições do caminho constituem uma sustentação

Ele afoga-se no buraco que ele mesmo cavou pois no presente seus crimes recaem sobre ele. Ilustração Pentagrama.



importante; no entanto, eles devem ser provados pela prática, o que dá ao pesquisador da Verdade a força e a certeza que o preparam para o passo seguinte. Uma pessoa que tem uma abordagem teórica do caminho sentirá os símbolos, os conselhos e as parábolas como moralizadores.

O mestre sufi Jalaluddin Rumi (1207-1273) descreveu o itinerário de um pesquisador da Verdade em muitos níveis e através de imagens profundas, de anedotas, de fábulas e do caminhar espontâneo do pensamento. No seu vasto poema *Masnavi* (versos espirituais), ele fala sobre a pequena e a grande guerra. Na fábula da lebre e do leão, ele mostra que é mais difícil vencer o inimigo interior do que um inimigo exterior. Mas ele adverte o leitor: «Vende teu ouvido de asno e procura um novo, pois um asno não pode compreender o que foi exposto».²

Os microcosmos são conduzidos através do espaço até o momento de encontrar o lugar de sua manifestação. Ilustração Pentagrama.

Por quanto tempo ainda devemos aceitar essa injustiça?

A história da lebre e do leão se passa numa bela campina onde pastam todos os tipos de animais. Eles são, todavia, torturados pelo medo do leão que os espreita sem cessar. E seu prazer é, assim, estragado. Eles recorrem, então, a uma negociação. Eles dirigem-se ao leão e dizem: «todos os dias nós lhe traremos para comer o que quiseres». Após discutirem, eles concluem o seguinte: cada dia, um animal se sacrificará e se entregará ao leão para ser comido. Rumi chama esses animais de «os adeptos do fatalismo».

Chega a vez da lebre, que resmunga e exclama: «por quanto tempo ainda devemos aceitar essa injustiça? Dêemme um pouco de tempo para que eu vos salve com minha astúcia e para que vossos filhos tirem proveito disso.» Ela consegue convencer os animais hesitantes e vai até o leão. Este a recebe encolerizado. A lebre o distrai com a estória de que um outro leão a retivera no caminho. Diz que o outro leão havia tomado como presa a amiga da lebre, um bocado saboroso, pronto para ser degustado. A lebre continua contando uma conversa que havia tido com esse outro leão: «Eu lhe disse: "somos teus servidores, os servidores do rei dos reis, os servidores insignificantes da corte do grande rei."» Ao que o leão exclama: «Como, o rei dos reis? Quem é esse tal? Não tens vergonha de falar em minha presença de alguém tão desprezível?» Seu desprezo pelo inimigo atica sua cólera e ele acompanha a lebre para caçar seu adversário. A lebre o guia para um poco de água profundo. O leão quer ver seu rival. Debruça-se sobre a água e percebe seu próprio reflexo e o da lebre. Furioso, ele salta e cai na armadilha: «se afoga no buraco que ele mesmo cavou, pois agora seus crimes recaem sobre ele. Ele vê seu inimigo em seu próprio reflexo e dirige sua violência contra si mesmo. Infelizmente, todo o mal que percebemos nos outros, nada mais é do que o reflexo de nosso próprio caráter!» Tais são as palavras de Rumi.

Voltemo-nos para a guerra no INTERIOR DE NÓS MESMOS

Quando a lebre contou o que aconteceu, os animais explodiram de alegria, mas a lebre os adverte (isto é: Rumi adverte seus leitores): «Prestai atenção e não vos regozijeis, pois cada um terá a sua vez! É preciso mudar. Não vos comporteis como se, a partir de agora, estivésseis livres para sempre! Para aqueles que encontrarão o reino, os tímpanos dos setes planetas ressoarão».

Rumi acentua o fato da libertação: «A vitória sobre o inimigo interior é muito difícil. Vencer esse inimigo não é uma questão de entendimento ou de inteligência. O leão interior não se deixa submeter pela lebre. Nós devemos nos desviar da guerra exterior para nos voltarmos para a guerra interior. O verdadeiro leão é aquele que vence a si mesmo», conclui ele.

A país da Luz da paz

O ser que compreende isto põe-se a caminho para o país da Luz. No caminho, ele encontra, sem dúvida, as mesmas situações. Na esfera de influência da antiga Pérsia, depois de Zaratustra, Mani deu um poderoso impulso espiritual, regenerador, que teve um imenso alcance e continuou a agir ainda durante muito tempo no Islã. Sohravardi hauriu dessa fonte e fundou a corrente do Ishraq (ou iluminação, radiação da aurora). Seu ensinamento, em ligação com a sabedoria hermética e a filosofia grega platônica, fez reflorescer a sabedoria universal no mundo

árabe persa.

Seu destino assemelha-se muito com o de Mani. De sua terra natal, ele atravessou o noroeste do Irã, reino islâmico, e chegou à Alepo, onde ele soube ganhar a simpatia do governador, Al-Malik az Zahir. Seus ensinamentos e seus escritos despertaram, todavia, a animosidade das autoridades espirituais e ele foi afastado. Em 1191, aos 37 anos, ele foi aprisionado por Saladin e morreu logo depois. Seu ensinamento teve uma grande influência no Irã, na Índia e nos países vizinhos, mas ficou desconhecido no Ocidente até o século XX.

«O céu e a terra quase **EXPLODIRAM**»

De forma penetrante, Sohravardi descreve o caminho a partir da tenebrosa natureza terrestre até o verdadeiro estado divino. Para tanto, ele se utiliza de narrativas bastante herméticas. No começo, diz ele, o homem é prisioneiro de sua natureza terrestre, acorrentado pelo intelecto e o destino. Ele esqueceu sua origem e não ouve mais a voz da alma. Seu desejo de sair de seu aprisionamento o conduz para o deserto, isto é, para um estado de abertura que lhe permite agarrar a corda de luz que o conduzirá à iniciação. A iluminação é a própria essência de seu ensinamento. O sol espiritual nasce quando o candidato alcança o país da Luz, que é sua pátria original.

Sohravardi descreve o caminho que conduz à iluminação sob a forma da ascensão a uma montanha. Por exemplo: o caminho da iniciação, por um mestre espiritual interior que se apresenta como um anjo. Ele descreve também o caminho através das esferas do zodíaco e os processos alquímicos que representam suas diferentes fases. Que ele era de religião islâmica fica claro, por exemplo, no Conto do exílio ocidental. O país onde o prisioneiro se encontra denomina-se Kairuan e encontra-se, portanto, no ocidente com relação a ele. O caminho da libertação passa pelo Iêmen em direção à «Arábia feliz», e a montanha da libertação é o Sinai. Sohravardi utiliza, assim, um simbolismo que se encontra igualmente nos ensinamentos dos diferentes grupos xiitas esotéricos, assim como no ismaelismo. «Depois, eu subi a montanha. E eis que percebi nosso pai, à semelhança de um Grande Sábio, tão grande que o Céu e a Terra estavam a ponto de se romper sob a epifania de sua luz. Fiquei surpreso, estupefato. Avancei até ele, e eis que ele saudou-me primeiro. Inclinei-me diante dele até o chão e figuei, por assim dizer, aniquilado sob a luz que ele irradiava... Ele disse-me ainda: Saiba que esta montanha é o monte Sinai; mais acima dela há uma outra montanha, o Sinai daquele que é meu pai e teu antepassado, aquele com quem minha relação não é outra senão como tua própria relação para comigo. E nós temos ainda outros antepassados, sendo que nossa ascendência finaliza em um Rei que é o Antepassado Supremo, sem ter ele mesmo nem antepassado e nem pai. Nós somos seus

servidores; devemos a ele nossa luz; nós tomamos nosso fogo de seu fogo. Ele possui a mais imponente de todas as belezas, a majestade mais sublime, a luz mais dominante. Ele está acima do que está Acima. Ele é a Luz da Luz e acima da Luz, de toda a eternidade e por toda a eternidade».

Sohravardi quer dizer com isso que o retorno ao país da Luz da paz eterna é, ao mesmo tempo, um começo e um fim. A separação entre os homens é, então, abolida. O caminho de «Sinai em Sinai», o caminho de força em força, de magnificência em magnificência, abriu-se e aquele que realiza esse caminho alcança seu verdadeiro destino.

¹⁾ Deus é único, Mestre Eckhart.

²⁾ Masnavi, Jalaluddin Rumi.

³⁾ Sohravardi, Henri Corbin.

Os sinais secretos dos rosacruzes

(Extraído do livro In de Voorhof van de Tempel der Rozekruisers, Na Antecâmara do Templo dos Rosacruzes)*

Um membro da ordem se reconhece por dezesseis sinais. Aquele que só possui alguns ainda não alcançou um grau elevado. O verdadeiro rosacruz os possui todos.

1. O rosacruz é paciente

Sua primeira vitória, que é também a mais importante, é a vitória sobre o seu eu inferior, isto é, sobre o Leão, tarefa que custou graves feridas aos melhores alunos. Não se pode lançar contra o Leão uma ofensiva brutal e irracional. A paciência e a coragem o forçam a submeter-se. O rosacruz procura vencer seus inimigos pela bondade e aqueles que o odeiam pela generosidade. Ele nunca amaldiçoa ninguém, mas derrama o amor ardoroso sobre a cabeça de seus inimigos. Ele não os persegue com a espada, mas deixa o joio crescer junto com o bom grão até que, amadurecidos, a natureza os separe.

2. O rosacruz é amigável

Ele não é sombrio e nem melancólico. Não manifesta nenhum descontentamento, desprezo ou zombaria. É amigável para com todos e sempre disposto a auxiliar. Ele adapta-se aos costumes e hábitos de seus semelhantes na medida em que eles não sejam contra sua dignidade. É portanto, sempre um bom companheiro. Ele está mais à vontade com os pobres do que com os ricos e em todas as classes da sociedade ele é forçosamente considerado, pois conhece bem os costumes da comunidade.

3. O rosacruz não é invejoso

Antes de ser admitido na Ordem, ele deve dar prova de que cumpriu uma grandiosa tarefa, quer dizer, que ele matou a serpente da inveja. Essa tarefa é difícil, porque a serpente é astuta e se esconde pelos cantos. O verdadeiro rosacruz está sempre contente com seu destino, pois ele sabe que tudo acontece como ele o merece. Ele não se irrita com as vantagens ou riqueza de outros, mas deseja a cada um o que há de melhor. Ele sabe que recebe tudo o que merece e, se alguém possui mais do que ele, não se ocupa com isso. Ele não procura nenhum favor para si mesmo, mas estende seus favores, de forma imparcial, a todos.

4. O rosacruz não se vangloria

Ele sabe que o homem é um instrumento nas mãos de Deus e que, com as suas próprias forças, ele nada pode fazer de grandioso. Ele não age rápida e freneticamente, mas aguarda para receber ordem do Altíssimo, seu Mestre interior. Ele vigia suas palavras e não profere impiedades.

5. O rosacruz não é vaidoso

Louvor e censura o deixam frio, a contradição e o desprezo não o afligem. Ele vive interiormente e se regozija com a beleza de sua vida interior. Mas ele não falará dos tesouros que possui e não se vangloriará das forças espirituais que adquiriu. Quanto maiores forem seus dons espirituais, maior será sua humildade e mais pronto estará para obedecer a lei.

6. O rosacruz não é desorganizado

Ele procura sempre cumprir seu dever e se esforça para agir de acordo com a ordem estabelecida. Ele não se preocupa com aparências nem com cerimônias. A lei está escrita em seu coração: ela domina todos os seus pensamentos e todos os seus atos. Seus méritos não residem na aparência exterior, mas em seu ser verdadeiro, que é a raiz de todas as suas ações. A beleza interior de sua alma se reflete no seu ser exterior e marca todos os seus atos com sua assinatura.

7. O ROSACRUZ NÃO É AMBICIOSO

Nada atrapalha mais o desenvolvimento espiritual e a expansão da alma do que uma compreensão limitada e um caráter egocêntrico. O verdadeiro rosacruz ocupa-se mais com o bem estar dos outros do que com o seu próprio. Ele não tem interesse pessoal para defender ou reivindicar. Esforça-se sempre para fazer o bem e não deixa passar uma ocasião de fazê-lo, se esta se apresentar.

8. O rosacruz não se irrita

Aquele que trabalha para o bem da comunidade atrai o ódio daqueles cujos interesses pessoais não são favorecidos por esse trabalho. Pois o egocentrismo se opõe à grandeza de alma, e as reivindicações de alguns nem sempre correspondem com os interesses da comunidade. O rosacruz deve portanto, com freqüência, encontrar resistência das pessoas com estreiteza de alma e espírito e de visão curta. Ele será vítima de calúnias. As pessoas desconhecerão suas verdadeiras intenções, os ignorantes o julgarão erroneamente. Pessoas que se julgam sábias quererão torná-lo ridículo e os tolos o desprezarão.

Mas tudo isso não pode irritar o verdadeiro rosacruz. A harmonia divina de sua alma não se perturba, pois sua fé se apóia no conhecimento e na justa compreensão da Verdade no mais íntimo dele mesmo. A oposição de milhares de ignorantes não o impede de fazer e acreditar no que ele sabe ser nobre e justo. E ele o fará até o fim, mesmo que ele deva deixar seus bens e sua vida. Como ele está em condição de elevar seus olhos para o Divino, as ilusões da matéria não podem enganá-lo. Ele se atem firmemente à Realidade eterna. Envolto por anjos e ouvindo suas vozes, ele permanece imperturbável em meio dos gritos dos animais. Ele vive na companhia de seres sublimes que outrora foram os homens e que se regeneraram escapando da vida inferior e comum deste mundo.

9. O ROSACRUZ NÃO PENSA MAL DOS OUTROS Aquele que pensa mal dos outros só vê o reflexo do mal que está em si mesmo. O rosacruz está sempre pronto para ver o bem. A longanimidade é uma virtude que

diferencia o rosacruz das outras pessoas e é isto o que o torna reconhecido. Se alguma coisa não lhe parece clara, ele espera que tudo se esclareça antes de julgar, e tende a formar antes uma boa opinião do que uma má opinião.

10. O ROSACRUZ AMA A JUSTIÇA

Ele não se coloca como juiz das ações erradas dos outros. Não encontra prazer em falar dos outros e já não se preocupa com as bobagens dos outros que são para ele como o zumbido de uma abelha ou as cabriolas de um macaco. Não sente prazer com os conflitos políticos ou pessoais e não dá atenção às disputas e censuras mútuas. Ele não se preocupa nem com a astúcia da raposa, nem com a hipocrisia do crocodilo, nem com a rapacidade do lobo – ele não remexe a lama. A nobreza de seu caráter o eleva acima de toda mesquinhez e estupidez. Estando acima das realidades sensoriais, as quais constituem a alegria e a felicidade do homem comum, ele vive em comunhão com aqueles que não pensam mal dos outros, que não se alegram com as injustiças feitas a um irmão, não o desprezando por ignorância e não sentindo prazer maligno pela sua infelicidade. Ele aprecia a comunidade daqueles que amam a verdade e vivem na paz e na harmonia do espírito.

11. O rosacruz ama a verdade

Nenhum demônio é pior do que engano e calúnia; a fonte de todo o mal é traição e falsidade. O maledicente sempre se compraz quando encontra uma mesquinharia e pode com ela construir uma mentira e sobre ela fazer crescer uma tremenda montanha. Verdade é o contrário disso: ela é o Raio de Luz que emana da fonte eterna do único Bem e tem o poder de transformar os homens em criaturas divinas. Portanto, o rosacruz não procura nenhuma outra luz a não ser a luz da verdade, e nessa luz se rejubila e em nenhuma outra; mas na comunidade com outros, esta realidade e sua divina majestade o preenchem, quer ele esteja morando nesta terra ou vivendo no campo espiritual; e com o seu quinhão de perseguição, opressão e ignorância, ele se tornará liberto de tudo através da verdade.

12. O ROSACRUZ SABE SILENCIAR

Os impostores não se prendem à verdade nem os tolos à sabedoria. O verdadeiro rosacruz dá preferência àqueles que sabem dar valor à Verdade e à Sabedoria. O que ele sabe, ele o guarda encerrado em seu coração, pois o silêncio é um poder. Assim como um ministro não divulga nenhum segredo do rei, o rosacruz não se vangloria das revelações que seu Rei lhe faz em seu coração, que são mais nobres e mais sábias do que todas as revelações dos reis e príncipes terrestres. Ele só rompe seu silêncio quando seu Rei lhe ordena falar; e não é ele quem fala, mas, sim, a Verdade que se exprime através dele.

13. O ROSACRUZ TEM FÉ NAQUILO QUE SABE Ele acredita na imutabilidade da lei eterna; que toda causa tem um certo efeito, que deverá realizar-se, e que isso não obstruirá seu caminho. Ele resiste à dúvida e ao medo; tem uma confiança ilimitada no princípio divino da Verdade, que se tornou viva e consciente em seu coração.

14. A ESPERANÇA DO ROSACRUZ É INABALÁVEL A esperança espiritual é a convicção segura resultante do conhecimento da Lei segundo a qual as verdades conhecidas pela fé se desenvolverão e se cumprirão. É o conhecimento do coração, que é totalmente diferente das representações intelectuais da mente. A fé do rosacruz se apóia no rochedo das verdades reveladas diretamente e não se deixa abater. O rosacruz sabe que em todas as coisas, por piores que sejam, encontra-se o germe do Bem e espera que, no curso da evolução, ele crescerá e que o mal se transformará em bem.

15. O ROSACRUZ NÃO SE DEIXA ABATER PELO DESGOSTO

Ele sabe que não existe luz sem sombra e nem mal sem bem. Ele sabe que a força aumenta com a resistência. Como ele sabe que o princípio divino encontra-se em todas as coisas, as mudanças exteriores nada significam de especial para ele e pouco solicitam sua atenção. Sua meta principal é preservar seus bens espirituais e não perder a coroa ganha no decorrer das grandes lutas da vida.

16. O rosacruz deve sempre auxiliar um membro da Ordem

Os nomes têm pouca importância. O princípio que rege a Ordem da Rosacruz é a Verdade. E aquele que reconhece a Verdade e a segue em suas ações é um membro da Ordem, a qual sustenta a Verdade. Mesmo que todos os nomes estejam confundidos e todas as línguas trocadas, a Verdade permanecerá sempre a mesma. Aquele que vive na Verdade viverá mesmo que todos os povos da terra venham a desaparecer.

Eis aqui as dezesseis características dos verdadeiros rosacruzes que um peregrino recebeu de um anjo. O anjo tirou o coração de seu peito e o trocou por um coração ardente que desde esse dia queima e flameja no amor da fraternidade universal da Humanidade.

^{*} Extraído do periódico Het Rozekruis, 1936

O declínio começa desde o nascimento

Uma guerra acontece entre o nascimento e a morte, isto é, durante a vida inteira. É a luta pelo que chamamos de «vida». A destruição das células começa desde o nascimento, e nós já estamos envelhecendo quando desfrutamos do pleno desabrochar da nossa existência. As células mortas não são mais repostas. Inicia-se, então, em nós, a luta pela sobrevivência.

No livro Oorlog in ons lichaan (A guerra dentro de nosso corpo) Gabriele Kautzmann descreve o sistema de defesa do corpo humano. «Mal podemos imaginar a luta heróica de um exército invisível contra os milhões de elementos que atacam o ser humano... O sistema imunológico é um poder que age estrategicamente de forma perfeita tendo em vista a paz, sempre pronto a reagir rapidamente contra os intrusos. Em cada parte do nosso corpo, bilhões de células lutam permanentemente para se defender. O resultado disso é que um resfriado não nos mata, que podemos comer uma salada ou dar a mão para alguém, sem perigo. Todas as doenças infecciosas dão a imagem de uma terrível batalha.»

A AIDS e as outras doenças que atacam o sistema imunológico permitiram estudar e conhecer bem o funcionamento desse sistema de defesa. Nossa saúde é continuamente protegida no interior do nosso corpo. Mesmo que células cancerígenas possam se desenvolver num corpo sadio, elas são reconhecidas como tais e imediatamente destruídas. Isso não quer dizer que nós não teremos um câncer, mas que um sistema imunológico em bom estado deve evitá-lo. A informação

estratégica de que o câncer pode se desenvolver fica estocada no tronco cerebral.

Medo e agressividade

Não há dúvida de que essa luta interna se exterioriza sob a forma do medo e da agressividade inerentes à existência na natureza. No livro Oorlog en vrede bezien vanuit de gedragswetenschap (A guerra e a paz do ponto de vista das ciências do comportamento), Eibl-Eibesfeldt escreveu: «Nos seres humanos, a expressão de amizade é muito especial, no sentido de que ela não tem paralelo entre os vertebrados, nos quais reina o instinto de dominação. Para os lagartos, por exemplo, as relações de amizade simplesmente não existem. O comportamento social deles pressupõe dominação ou submissão. O instinto de dominação provém da necessidade que temos de nos mostrar fortes e agressivos como meio de defesa. Como sempre vem acompanhado de violência, este instinto é especialmente perigoso; mais ainda quando uma reação das glândulas hormonais "recompensa" cada "vitória" ou cada conquista de uma posição dominante. Este reflexo significa que há uma consciência reptiliana dentro do homem. O cérebro reptiliano ainda continua a ocupar um lugar enorme no crânio humano.»

Quando se trata de obter conhecimento a partir do eu, é interessante notar a estreita relação que existe entre o subconsciente e o comportamento exterior. «Nós nos lastimamos pela violência, que tememos de um lado mas que encorajamos por outro lado. Até hoje, foram as batalhas que deter-

minaram a sorte dos povos. Todos os livros de História apresentam as guerras como sendo "boas" durante o caminho percorrido pela humanidade.»

A tradição do humanismo

O homem culto elaborou estratégias para canalizar seus medos e sua agressividade. Mas, a partir do momento em que sua existência é ameaçada, o verniz da cultura trinca e cai. Apesar de cinco séculos de tradição humanista, houve 190 guerras nos cinqüenta anos após a Segunda Guerra mundial. Somente no ano de 1955 tivemos 39 situações de conflitos armados.

Não é preciso procurar a origem de uma guerra nas circunstâncias exteriores, mas no psiguismo do ser humano. No livro Oorlog omwille van de vrede (A guerra em nome da paz), lemos o seguinte: «Existe pobreza, opressão e ilegalidade nos povos prósperos desde a pré-história. Isso criou campos de tensões, mas o que provoca essas tensões não aparece claramente. A busca apaixonada das causas resulta da idéia de que, se fossem conhecidas, elas resolveriam os problemas e anulariam as guerras. Entretanto, as verdadeiras causas estão longe de ser aquelas que reconhecemos. Pois as guerras não necessitam de uma causa especial. Elas parecem fazer parte integrante da natureza humana.»

Para o humanista que, em maior ou menor grau, todo ser humano é, a evolução da humanidade tem algo de decepcionante, pois «o repouso» terrestre e a «paz terrestre» não parecem possíveis. É por isso, sem dúvida, que se fala de «repouso celestial» e de «paz celestial»!

REORIENTAÇÃO INTERIOR

Não nos resta, então, nada além do pessimismo cultural? Do existencialismo? Ou devemos cavar mais profunda-





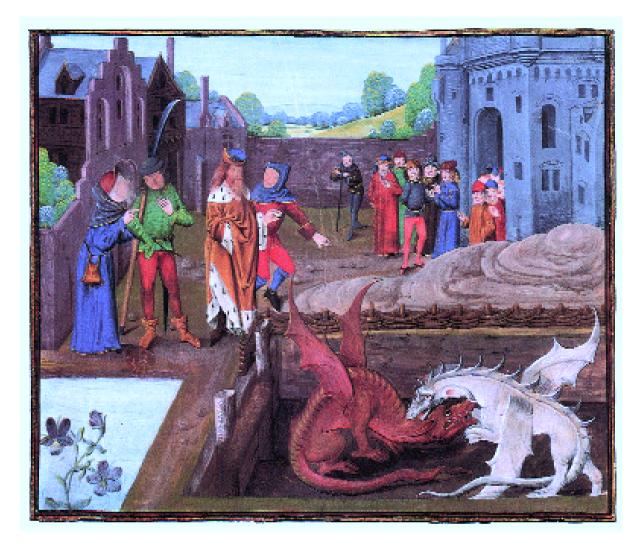
mente dentro de nosso ser, e não somente estudar o eu mas também controlar seus excessos, se possível? Naturalmente, há outro caminho, mas devemos ter a vontade e a coragem de vê-lo. Meditemos sobre as fontes que as santas escrituras de todos os povos revelam. Esses textos explicam que o ser humano deixou o mundo divino para ligar-se à matéria. É a razão pela qual o chamado ressoa sempre: «Voltai, segui-Me. Não useis mais vosso eu como guia e segui a Alma que é filha de Deus.»

A transfiguração é a palavra chave do caminho onde o eu renuncia à sua posição central no microcosmo quando ele já está cansado de lutar, quando está completamente alquebrado, quando ele vê e sente seus limites, quando ele se dá conta de que prejudica seus semelhantes diariamente. A pessoa que se engaja nesse caminho sente que a força original a sustenta e a conduz para a «paz de Belém», para a certeza absoluta de que possui a nova Alma que se doa inteiramente ao restabelecimento do microcosmo. Sobre esse caminho de graça e experiências concretas, no processo de regeneração, se elabora uma consciência sem medo, sem preocupação, sem temor e sem luta.

A PAZ COM DEUS

A palavra Gnosis significa conhecimento de Deus. A Gnosis é a possibilidade e a força de um restabelecimento e de uma regeneração completa do mundo microcósmico danificado no qual o eu quer dominar. Deus não é o poder vingador e punitivo do Antigo Testa-

Células originais do primeiro embrião humano clonado. I 3 de outubro de 2001, Advanced Cell Tecnology.



Merlin declara ao rei Vortigen que ele deve primeiro resolver dentro dele mesmo a luta entre o dragão vermelho e o branco antes de poder construir a Torre do Espírito. Manuscrito flamengo, por volta de 1470.

mento: é preciso libertar-se de uma tal imagem para compreender a Gnosis, assim como da idéia tão enraizada de que um certo ser humano, Jesus, sacrificou-se por nós porque não obedecemos às leis estabelecidas pelos teólogos. Evidentemente, esse mito oculta uma imensa verdade. Afinal, é a própria força crística que se oferece a nós a cada segundo, a fim de nos libertar de nosso extravio. Mas essa força crística reside no nosso interior, e não no exterior, sob a forma de um personagem histórico. Como não conhecemos essa força e nem a experimentamos conscientemente, colocamos em cena constantemente o velho cenário do «olho por olho e dente por dente» do Antigo Testamento. E essa não é uma boa base para encontrar a paz interior!

Pela imitação de Cristo, pelo per-

dão, os seres humanos podem libertarse do aprisionamento do passado. Esse caminho não termina na cruz, mas, sim, na Ressurreição e no Pentecostes. A paz não se encontra a não ser no amor de Deus. Ele nos mostra nossa riqueza interior e nos liberta de tudo o que é baixo e não divino. Aquele que O aceita, compreende que não necessita mais se defender, que não se trata de culpabilidade. Ele só tem que seguir as balizas radiantes da salvação sobre o caminho da libertação.

Então, se inicia um diálogo com o Cristo interior, cuja mão nos guia, nós o sentimos claramente, sobre o campo de batalha do mundo exterior. A paz é, agora, uma realidade interior que ultrapassa todo entendimento e que vem consolar todos aqueles que estão cansados de lutar.

IMPOSSÍVEL ESCAPAR?

Diálogo entre um aluno e um professor

O programa previa um curso de reciclagem no final de semana. O expositor nos explicou que agora a eletrônica estava substituindo aquilo que conhecíamos como comércio e indústria – a nova economia dos bancos e empresas virtuais na internet estaria sendo caracterizada por perdas e ganhos em código digital!

Durante o intervalo para o café, pedi esclarecimentos ao professor. E ele disse:

- Você pode ver isso em todo lugar. As empresas internacionais fabricam seus produtos a baixo preço nos países pobres. Os maiores faturamentos são realizados no mercado financeiro globalizado. Não são mais as presidências das empresas que decidem a gestão de sua empresa mas são os acionistas que determinam se o negócio vai bem ou mal. Eles tratam uma empresa como um componente de sua fortuna. Eles as compram ou as revendem como bem entendem. E, muitas vezes, com todo o pessoal.
- Portanto, isto significa a emancipação do dinheiro, eu disse. O valor de uma coisa não é mais determinado pelo trabalho e pela matéria prima – só

o dinheiro é determinante. É o dinheiro que detém o poder e decide a sorte dos seres humanos.

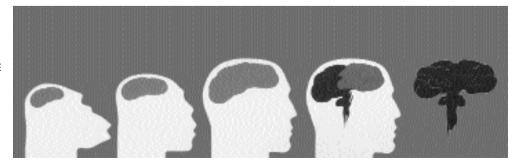
 É. Você pode ver isso dessa forma, aprovou ele.

Sem querer, pensei no aprendiz de feiticeiro que, perdendo o domínio do fenômeno mágico evocado, quase tornou-se vítima da violência que ele havia desencadeado. Felizmente, o mágico titular pôde salvá-lo dessa situação crítica...

— O dinheiro tornou-se o mestre da humanidade materialista: é uma força dominante que procura exclusivamente tomar o poder em todo lugar. A «alma» da economia baseada unicamente no dinheiro fez sua aparição como um fantasma e se reflete em toda a humanidade, concluiu o professor.

Depois do intervalo, ele explicou o funcionamento da internet e o que significavam os bancos de dados para os conhecimentos da sociedade atual. Ele alegava que a utilização do computador aumentava a inteligência humana.

— Será que isto não é uma falha de raciocínio? perguntei. Na realidade, o computador é somente uma máquina de calcular aperfeiçoada, que funciona com toda velocidade, mas que não é capaz de refletir por si mesma, de conceber idéias.



Do macaco à bomba atômica. É essa a evolução do homem? Pôster de Igor Petrygin-Rodionow e Marina Maluewa. 1986.



- Isto depende da forma como vemos as coisas e do ponto de partida do raciocínio. Se você considerar os genes, por exemplo, como portadores de informações, então os chimpanzés dotados de 98% de informações genéticas humanas sabem tanto quanto os homens, por assim dizer, retrucou o professor.
- Na minha opinião, o intelecto alcançou um nível superior absurdo. E me parece que não é sem perigo...
- Sim, nós temos confiança em nossa tecnologia altamente sofisticada sem nos perguntar o que isso esconde, onde isso nos leva e quais serão os limites. O homem materialista deixa os outros pensarem por ele. Com isso, ele não tem necessidade de pensar por si mesmo. Nós nos afogamos na informação, sempre em busca de mais conhecimentos.

Será que já não ouvi ou li isto em algum lugar? Não é a regra dos ditadores: «o povo não precisa pensar: nós

faremos isso por ele»? Ou então, a regra das autoridades religiosas aprisionadoras: «eles não precisam escolher: nós faremos isso por eles»...?

Durante a tarde, nos apresentaram uma análise concreta da nova economia. O professor falou a respeito dos «fundos bio-tecnológicos» que dão lucros fabulosos. Em Munique, em fevereiro de 2000, foi concedido um direito sobre a vida humana – o que é possível, se considerarmos o homem não mais como um ser humano, mas sim como um animal humano. Para os investidores nas «ciências da vida» essa mudança com aparência inofensiva abriu perspectivas insuspeitadas, como por exemplo, a clonagem de seres humanos.

Durante o almoço, um colega me havia manifestado seu entusiasmo e a conseqüente corrida para o ouro que esse novo ramo iria desencadear: «Nas células-tronco dos embriões humanos a genética possui uma rica fonte de

O prisioneiro do círculo vicioso de seus pensamentos deve voltar ao ponto de partida para encontrar a saída. Foto Pentagrama.

substância "imortal" que podemos dividir infinitamente.»

«Como Deus quando ele criou o homem», pensei, «e como Lúcifer, que quis tornar-se Deus!»

— E se a moral se opusesse a isso? repliquei.

Ele riu:

— Os governantes europeus, a União Européia e a economia financiam isso tudo. E os países que se opõem por razões éticas serão constrangidos a participar disso por sanções econômicas. O especialista em genética Austin Smith disse que ele pensava que a idéia tradicional, segundo a qual a vida seria sagrada, iria ser completamente extirpada.

Eu fiquei consternado:

- Mas o homem não é um animal! Ele tem uma alma, pensamentos, sentimentos, desejos!
- São somente processos eletroquímicos cerebrais, respondeu ele.

Eu me calei. Meu vizinho tentou me tranquilizar:

— Pense no Admirável Mundo Novo, de Aldous Huxley! Lá, os personagens vivem contentes, apesar de terem perdido a individualidade...

Enforquei a última aula: já não agüentava mais. Estava atormentado. Como era isto? O homem, um animal dirigido por computador e que pode ser clonado – então agora esta é a nova economia? A ciência não se volta, assim, contra a sociedade? O homem irá se destruir? É o fim da nossa civilização.

À noite fui visitar um amigo que logo percebeu que eu estava deprimido.

- Mas, o que aconteceu?
- Tenho a impressão de que o mundo está mergulhando nas trevas e que não tem mais saída...
- O que você quer dizer com isso?
 Eu lhe expus as idéias do curso de reciclagem e acrescentei:
 - É como se a matéria se tornasse

transparente.

- -É verdade, respondeu ele, o que começamos a enxergar é o reflexo de nossas atividades. Ou, no fundo, a realidade que se impôs a nós. Nossos modos habituais de pensar e de agir não são nem um pouco espirituais. Em nenhum caso testemunhamos a existência de uma consciência superior ligada a uma alma elevada e, muito menos, ao Espírito divino. Nossa cultura cristã não tem mais nenhuma profundidade. O que nossos pais e nossos professores tentaram manter vivo está sendo minado pelo materialismo.
- Você está querendo dizer que o materialismo e o capitalismo que decorrem disso transformaram o homem em um animal destituído de razão? Que a clonagem também é um ataque direto contra o ser humano? O pensamento, os sentimentos e a ação estão ficando inteiramente mecânicos, automáticos... Essa visão do futuro me dá arrepios!
- Esse futuro já começou. Os aprendizes de feiticeiro não podem mais parar o que eles desencadearam.

Em 1940 surgiu o desenho animado Fantasia, de Walt Disney, no qual Mickey Mouse faz o papel de aprendiz de feiticeiro. A história se inspira no Aprendiz de feiticeiro, composição musical de Paul Dukas (1865-1935), o qual evoca o poema de Goethe Die Zauberlehrling (1797). Ora, Goethe havia se inspirado no Philopseudes, um livro de contos fantásticos do Grego Loukianos de Samosate (século II). Evidentemente as diferentes versões foram adaptadas para cada época, mas os dados permaneceram os mesmos através dos séculos.

O Aprendiz de Feiticeiro*

- «O acaso quis que, no decorrer de nossa viagem de retorno, um homem de Memphis viesse até nós. Era um sacerdote do templo, incrivelmente instruído, que conhecia toda a cultura egípcia. Corria o boato de que ele havia vivido vinte anos nos subsolos de vários templos, onde Ísis o havia instruído na magia.»
- Mas esse deve ter sido Pancrates, meu mestre, exclamou Arignosos, um santo homem calvo vestido de linho branco. Ele estava sempre perdido em seus pensamentos e falava mal o grego. Ele era grande, tinha o nariz chato, os lábios proeminentes e as pernas muito magras.
- É ele e ninguém mais! Na partida, eu não tinha a mínima idéia de sua identidade, mas estava claro que ele devia ser um santo, pois cada vez que nós jogávamos a âncora, ele fazia todo tipo de milagres. Ele

montava sobre os crocodilos e nadava em companhia de monstros que se comportavam timidamente, com respeito, e abanavam a cauda. Aos poucos, tornei-me seu companheiro e amigo, pois testemunhei-lhe minha simpatia e ele iniciou-me em todos os seus segredos. Depois, ele convenceu-me a deixar todos os meus servidores em Memphis e continuar o caminho com ele. Os servidores não nos faltarão, disse ele. E assim continuamos nossa viagem.

Quando Pancrates partia para viajar, ele jamais levava seus servidores. Em cada albergue onde ele parava, pegava uma vassoura, a vestia e pronunciava uma fórmula mágica. Então, a vassoura punha-se a se mexer e todos pensavam que era o seu servo. Ele pegava a água, fazia compras e preparava a comida. Quando Pancrates não precisava mais dele, ele o retransformava em vassoura, pronunciando outra fórmula. Um dia, um companheiro de

É como se assistíssemos a uma peça de teatro, à tragédia que estamos encenando há séculos: «Homem, conhecete a ti mesmo». Assim, somos desmascarados por nosso próprio reflexo. Agora estamos vendo como estamos fechados ao Amor divino, ao endossar os belos disfarces tão característicos da atração pelo lucro, pelo egocentrismo e pela satisfação pessoal.

É horrível! disse eu, e me calei.
Meu amigo continuou:

— Portanto, estamos sendo confrontados conosco mesmos. Uns reagem com indignação, outros, com angústia e em silêncio, porque não sabem o que é preciso fazer. Eles não vêem saída.

Respondi rapidamente:

Mas eu, eu conheço uma solução!
 Devemos nos voltar contra todas essas imitações de imitações. Camus tinha razão quando dizia que os homens se

haviam atrelado a um trabalho de Sísifo. Muitas vezes eu me sinto tão angustiado que espero que a vida logo se acabe, para fugir de tudo isto.

— É compreensível, disse ele para me consolar. Mas você nunca percebeu que quanto mais forte é o brilho do sol, mais forte se delineiam as sombras?

Então, de repente, lembrei de um livro que um dia me emprestaram e onde estava dito: os olhos dos homens são como os olhos das toupeiras: são tão cegos que percebem a manifestação aparente dos poderes tenebrosos, mas não sabem que ela é a conseqüência do grande brilho da manifestação dos servidores da Luz.

— Você tem razão. Estou vendo as práticas sofisticadas dos poderes deste mundo com meus sentimentos e com meu intelecto. E acredito que esta é a única realidade. Mas, de fato, elas es-

viagem quis aprender esse truque de magia. Mas Pancrates recusou-se a dar-lhe a fórmula mágica, apesar de ele ser a prestabilidade em pessoa. Ele quis guardar essa habilidade para si mesmo. Um belo dia, o jovem escondeu-se num canto escuro para ouvir, em segredo, essa famosa fórmula, que, aliás, só tinha três sílabas. Após Pancrates ter feito a vassoura executar várias tarefas, ele retirou-se. No dia seguinte, durante sua ausência, o jovem pegou a vassoura, vestiu-a como Pancrates o havia feito e pronunciou as três sílabas. Depois ele ordenou à vassoura que fosse buscar água. A vassoura obedeceu e voltou com um cântaro cheio. Chega! Disse ele. Agora pode voltar a ser vassoura. Mas a vassoura não obedeceu e foi novamente buscar água. E continuou o vai e vem tão bem que, por fim, a casa ficou toda inundada e a água transbordava por toda parte. O jovem ficou desesperado e pensava angustiado no retorno de Pancrates, que seguramente se encolerizaria. Ele agarrou um machado e cortou a vassoura em dois pedaços, mas os dois pedaços pegaram um cântaro e foram procurar água. Nesse meio tempo, Pancrates chegou. Dos dois pedaços, ele refez uma vassoura e desapareceu, abandonando seu companheiro à sua sorte.»

* Adaptação livre de *Philopseudes ou Fantasmagorias e realismo* de Loukianos de Samosata.

tão em oposição direta com a Criação original.

- Sim, e são elas que mantêm o sofrimento e a miséria mundiais.
- Com a minha personalidade, posso me opor a tudo o que acontece, mas nem por isso me liberto. Eu só vejo reflexos. Platão mostrou isso muito bem com seu mito da caverna. O pensamento só representa a realidade sem jamais vê-la verdadeiramente.
- Nossos pensamentos nada mais são do que uma rede onde se prendem todas as nossas boas intenções. Assim, nada mais fazemos do que cooperar para manter o sofrimento dos homens e animais. E o que nós captamos dos impulsos libertadores é diretamente aniquilado.
- Sim, manifestamente nós ainda não somos perfeitos. Se pudéssemos um dia haurir de uma outra fonte... Então

poderíamos pensar, sentir e agir de outra forma. Em todo o caso, perceberíamos que o mundo tal como o vemos agora é enganador, imperfeito, limitado.

- Quando compreendermos isto, então será preciso freqüentar uma escola especial...
- Quando o eu chegar no limite de suas possibilidades ele perceberá que não pode ir mais além. Ele não tem mais nenhum sentido e é até um obstáculo no caminho de um desenvolvimento superior. Na minha opinião, a meta superior da vida é a busca da fusão com a força original, a Luz que, como o sol, brilha sobre bons e maus.

Máscaras do mental

O que aconteceria se as pessoas que se guerreiam tirassem suas máscaras de beligerantes durante uma hora, o tempo de se desligar e considerar as pretensas idéias justas que os unem e não aquelas que os separam?

Em seu livro A Voz do Silêncio, Helena Petrovna Blavatsky escreveu: «O mental é o grande assassino do real»1. Será que isso quer dizer que o mental é o instrumento do mal? A complexidade do cérebro permite que ele seja sensível ao éter refletor e elabore os pensamentos. Com o auxílio de seu mental, o homem tira conclusões e toma decisões. O mental é como uma janela que lhe permite ver e compreender o mundo. Essa janela, como todas as janelas, aliás, só lhe revela uma parte da realidade. O mental é como uma máscara. A janela do olho só abre para a consciência uma pequena fração da realidade. Portanto, o que não é percebido não faz parte da «realidade» do «portador da máscara».

Esta visão limitada e subjetiva torna, infelizmente, o mental aberto para todos os males dos quais os seres humanos são, eles mesmos, os criadores. Os homens geram suas considerações a partir de sua percepção limitada. O resultado é que têm falsas idéias sobre os outros e por isso lutam entre si, não somente com palavras mas também com armas. Todos esses dogmas, concepções, ideologias e utopias cegam o mental e constituem, igualmente, máscaras que limitam todo o alcance da percepção e diminuem a compreensão.

Para onde quer que olhemos no mundo, só há luta, grandes ou peque-

nos conflitos, disputas de territórios ou conflitos nucleares. Os homens voltam-se uns contra os outros, estimulados por suas próprias idéias ou excitados pelas idéias dos outros. Eles constituem campos inimigos e dispersam sua energia em combates fratricidas. Cada campo acha que está em seu direito e cada um tem razão no seu próprio ponto de vista. Eles arvoram as máscaras de sua religião, de seu poder econômico, do estilo de sua sociedade, da sua moral, de seus pretensos direitos e não podem ter uma outra visão. Cada um, de seu lado, faz a mesma coisa e os oponentes se observam plenos de ódio: nós temos razão, os outros estão errados. O mental, com sua percepção limitada, separa os homens da realidade, portanto os separa uns dos outros. Dos dois lados, armas são abençoadas - às vezes pelo mesmo Deus - e em seguida se impõe a lei do mais forte. Que outra força poderia ser?

Guerra para a sobrevivência

Em numerosas partes do mundo a situação alimentar é catastrófica. Devido à exploração secular da massa e a uma gestão deficiente, milhões de seres humanos morrem de fome e de sede a cada dia. E também crianças! Dizem, às vezes, que há penúria de alimentos no planeta, mas nossa «Mãe Terra» é, com certeza, suficientemente rica para prover a necessidade de seus filhos. Para se apoderar dessa riqueza, tirá-la dos outros, é que as guerras são encadeadas: é a luta pelo pão e pela água. Esta é a razão pela qual os países ricos, que têm grandes provisões de

pão e água, instauraram um sistema que justifica a lenda da «pobreza da terra». Eles invocam o clima, a pobreza recorrente, a opressão, as dificuldades políticas. Tudo isso pa-

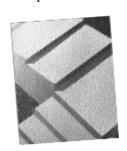


rece justo e lógico. Mas o que aconteceria se as pessoas dos países ricos colocassem de lado seus preconceitos? Uma hora somente? Se, durante uma hora somente, elas afastassem suas concepções sobre as necessidades elementares de sua vida de luxo? Se tivessem a vontade e o poder de repartir seu excedente com outros?

Guerrinha cotidiana

Seria bom considerar esse problema em nosso próprio ambiente, nos conflitos diários, em casa e no trabalho. Isso seria muito esclarecedor! As disputas sobre a melhor maneira de chegar a um resultado. «Anything you can do, I can do better! No you can't! Yes I can!» (Tudo o que você pode fazer, eu posso fazer melhor! Não, você não pode! Sim, eu posso!) Nos anos 60 as pessoas ouviam esta música no filme «Annie, get your gun» (Annie, pegue seu revólver) em toda a Europa Ocidental, enquanto a economia começava a crescer. Gastamos muita energia para demonstrar que os outros não têm razão e para impor nossos próprios ideais. Imputamos a culpa aos nossos pais, ao ensino, aos políticos, ao governo, aos países vizinhos, às outras religiões, ao sistema econômico rival. Assim, vamos empurrando as conseqüências de nossa própria negligência. Acusamos a educação, o patrão e suas falhas de gerenciamento, os colegas e sua incompetência, as crianças desrespeitosas. Uma outra parte da energia mental é gasta justificando nosso próprio comportamento, justificativa supérflua, que não interessa a ninguém.

O que aconteceria se todo mundo,



em seu próprio ambiente, tomasse a decisão de colocar de lado suas idéias preconcebidas? Se parássemos de nos justificar, criticar os outros e demons-

trar que eles é que estão errados?

Algumas horas sem crítica seriam uma revolução

Seria interessante refletir sobre essas situações imaginárias. Três horas sem crítica podem provocar uma dinâmica inesperada e produzir uma revolução jamais vista no mundo inteiro. A vida seria subitamente diferente. O verdadeiro amor ao próximo apareceria. As guerras teriam fim pois os homens compreenderiam o absurdo de sua rivalidade. Ter-se-ia conhecimento de que a alimentação é suficiente para todos e cada um daria mais importância aos outros do que a si mesmo.

Infelizmente, esse cenário é uma utopia. A realidade do mundo dialéti-

co torna isso impossível porque o ser humano quer se impor e se defender. O mundo é mantido por essas oposições que se engendram umas às outras. Guerra e paz são dois lados da mesma moeda.

Então, por que não ceder simplesmente?

Como o mental, estimulando todas essas idéias e motivações que impulsionam a guerra, consegue enganar os homens a tal ponto? E, no entanto, os homens conhecem bem o resultado disso! Por que é que os seres humanos não podem escapar da teia de aranha

de suas idéias falsas?

Seria preciso, primeiro, que identificassem os muros de sua prisão; depois que tivessem o desejo e a coragem de procurar a chave; e, finalmente que eles encontrassem a força para abrir a porta e escapar.

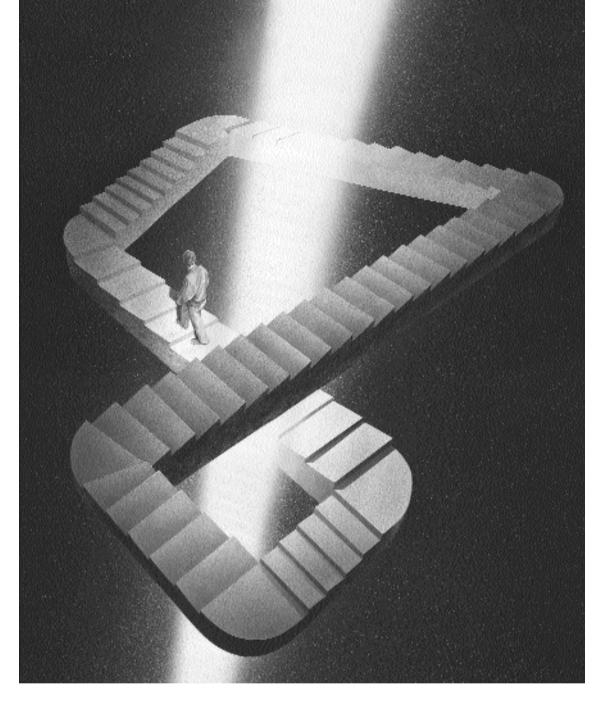
Primeiro degrau: compreensão e conhecimento de si mesmo

A compreensão de nossa própria situação e da situação do mundo depende de nossa experiência e de nossa perspicácia. Mas o mental se retrai diante das situações que não decodifica claramente. Ele se baseia em opiniões, pre-

Que é a verdade?

- 1. Novamente estavam os doze reunidos no círculo de palmeiras, e um deles, Tomé, disse aos demais: «Que é a verdade? Pois as mesmas coisas se apresentam de modo diferente a mentes diferentes, e mesmo às mesmas mentes, em épocas diferentes. Que é, pois, a verdade?»
- 2. E enquanto falavam, eis que apareceu Jesus no meio deles, e disse: «A verdade única e absoluta está exclusivamente em Deus, pois nenhum só homem ou qualquer grupo de homens sabe o que apenas Deus sabe, e que é o Todo no Todo. Ao homem, a verdade é revelada segundo a sua capacidade de compreendê-la e assimilá-la.
- 3. A verdade única tem muitas faces, e uns só vêem um lado, enquanto outros só vêem o outro lado, e algumas pessoas vêem mais do que outras, conforme lhes é dado ver.
- 4. Vede este cristal: como uma só luz se revela por doze faces, sim, em quatro vezes doze, e cada face, por sua vez, reflete um raio da luz, uns percebem uma face, outros vêem a outra, porém, o cristal é um só e também uma só a luz que ele irradia em todas.

- 5. Vede novamente; quando alguém escala uma montanha e alcança uma certa altura, diz: "este é o cume da montanha, alcancemo-lo"; e eis que, em ali chegando, divisam uma outra elevação mais além, e assim até que chegam àquela altitude de onde não se avista nenhuma outra elevação que possa ser alcançada.
- 6. Assim é com a verdade. Eu sou a verdade, o caminho e a vida, e vos dei a verdade que de cima recebi. E o que é visto e recebido por um, não é visto e recebido por outro. O que para uns se apresenta como verdadeiro, para outros se apresenta como inverídico. Os que se encontram no vale não vêem da mesma maneira como os que se encontram no cume da montanha.
- 7. Assim, a verdade é para cada um conforme o entendimento separado a percebe naquele momento, até que uma verdade mais elevada se lhe manifeste; e às almas que estão em condições de receber luz mais elevada, mais luz lhes será dada. Por isso não condeneis a outrem, para que não sejais condenados.»
- (O Evangelho dos Doze Santos, Lectorium Rosicrucianum, São Paulo, 1985)



conceitos e princípios de outras pessoas. Aí está o obstáculo que o impede de tomar consciência da realidade. Nós aceitamos as idéias já preconcebidas sobre nossos semelhantes, sobre certas situações, sobre o mundo. Estes pré-conceitos nos dispensam de passar por experiências que seriam necessárias para verificá-los e negligenciamos a realidade; as mudanças de nossos semelhantes, as situações, os acontecimentos mundiais não são percebidos ou são ocultados. O mental ergue uma barreira intransponível entre seu

próprio mundinho e a realidade. Conseqüência: contribuímos para a nossa própria estagnação e entravamos o desenvolvimento daqueles que nos rodeiam. Aceitamos nossa percepção do momento, subjetiva e limitada, como realidade. E o jogo está feito!

Morrer por ter razão?

No geral, tudo se passa assim: um grupo, uma associação, um povo ou

Cego pela sua própria inteligência, o homem segue o círculo eterno da elevação e do declínio. Ilustração Pentagrama. uma nação soube que os «outros» estavam errados. A consciência mental e a consciência emocional das pessoas desse grupo se unem para se opor a esses outros. Então, dois pólos se confrontam: é o início de uma crise. Se não houver solução para a crise, a guerra explode. A história está semeada de exemplos disso: Leste-Oeste, comunismo-capitalismo, pobreza-riqueza, islamismo-cristianismo. A educação também nos condiciona a ver nos outros os adversários, que é preciso atacar, eliminar. Às vezes, ao preço de nossa própria vida. E tudo isso com a única finalidade de mostrar que temos razão! Isso não é o máximo do absurdo?

Manter-se distante

Aquele que deseja ser objetivo deve manter-se distante. Falando de outra forma, ele deve considerar o objeto de sua observação com um certo distanciamento. Ele acaba descobrindo que o observador e o mental são coisas diferentes. O mental terrestre é astuto. Após uma observação, o mental sugere: «É isso mesmo! A situação é exatamente como você está vendo! Você tem razão!» E nós concluímos: «Estou com a razão! Minhas idéias e minha maneira de agir estão corretas! Os outros não compreendem nada!» Eis aí como funciona o mental para sobreviver. Ele coloca diversas máscaras: da humanidade, da bondade, da justiça, da ditadura, da opressão e da destruição. O mental filtra a realidade e retém o que está em conformidade com seus próprios pensamentos. Tom Hanks representa bem este fenômeno em um filme: Forrest é um rapaz simplório que segue à risca o que lhe dizem sua mãe e sua amiga. Ele não forja nenhuma opinião própria, ele não vê os problemas, ele age de acordo com as máscaras que lhe são impostas.

Destruição da ponte de ouro

A sabedoria original ensina que o ser humano é um microcosmo, um pequeno mundo, reflexo do mundo grande. No coração desse microcosmo reside a personalidade. O mental lhe é dado como instrumento de direção. Mas esse instrumento não está ainda suficientemente desenvolvido para funcionar em harmonia com o coração. Tendo desviado de seu plano de evolução original, esse poder mental ainda jovem evoluiu no mau sentido e degradou-se. A ponte de ouro que ligava a cabeça ao coração foi destruída. Originalmente, o poder mental em crescimento era estimulado pelo coração, era o reflexo daquilo que penetrava no coração. Mas o homem materialista atual dá toda importância ao mental e o coração não conta mais. Daí decorre que o poder mental sem direção está sob a influência das poderosas forças desta natureza que mantêm o microcosmo prisioneiro das leis dialéticas deste mundo.

Segundo degrau: o chamado da voz no coração

O homem não é o seu mental, ele é bem mais do que isso. É um microcosmo que dispõe de um ponto estável de onde ele pode considerar a vida com neutralidade. Esse ponto está no centro do microcosmo e se confunde com o coração. É um ponto minúsculo mas muito poderoso, mais poderoso do que todas as forças da natureza. Esse ponto é a chave que abre a porta da prisão.

O último vestígio

Para identificar esse ponto, convém tomar distância com referência ao mental; deixar de lado todas as considerações, comportamentos e opiniões para nos voltarmos para o coração. Esse chamado provém do vestígio original do coração ainda puro, a rosa do coração, o átomo centelha do Espírito.

No mundo material, este princípio divino permanece inativo até que o chamado interior seja percebido. Podemos imaginar esse chamado da rosa do coração? E como ele é percebido? Esse chamado é suave, constante, mas exige um silêncio total para se fazer ouvir. É preciso ignorar os pensamentos que nos invadem, pelo espaço de um pequeno instante. Quem consegue fazer isto, ainda que seja por um segundo, pode ouvir a voz interior; e ele penetra num outro mundo!

Pensamentos do mundo divino

Como consequência, no lugar das forças da natureza que obscurecem a consciência, surge, como um clarão, uma outra energia. A ponte de ouro entre o coração e a cabeça se restabelece por um instante. E imediatamente jorram pensamentos que o mental não havia ainda jamais concebido, pensamentos inspirados do mundo divino, que transpassam os muros da nossa prisão e iluminam a inteligência. É o primeiro passo fora da prisão, mas ele é de curta duração. O abismo que separa a cabeça e o coração é imenso e as forças da natureza são demasiadamente resistentes para desaparecerem de repente. Elas ainda manipulam o mental. Se um grupo de indivíduos pudesse permanecer nessa situação, mesmo por uma hora, a velha natureza vacilaria nas suas bases.

Terceiro degrau: a responsabilidade por sua própria vida

Nesta fase, há a confrontação interior com as forças da natureza. Aquele que não ousa enfrentá-las permanece prisioneiro de seu mental. No entanto, isto não é tão difícil! E a pessoa que deseja ouvir o chamado da Vida original e segui-lo sentirá que recebe a força para vencer o estado da natureza. Ela empreende, então, um processo no qual a força do mental, minada, enfraquece, o que desperta um novo entendimento.

«O mental é o grande assassino do real. Que o discípulo mate o assassino. Porque: quando para si mesma sua forma lhe parecer irreal, tal qual o são, ao despertar, todas as formas vistas em sonhos; quando houver cessado de ouvir os muitos, poderá discernir o UM – o som interno que mata o externo... A voz do silêncio».

¹⁾ *A Voz do Silêncio*, H.P. Blavatsky, Editora Pensamento, São Paulo.

Guerra e paz no espaço e tempo

A guerra é tão antiga quanto a humanidade: é a companheira e o pólo oposto da paz. Quase todos os aspectos da vida estão sob a influência desses pólos que deixaram marcas profundas. Esses dois aspectos estão associados ao poder político. Os casais, as famílias, as tribos, os povos, as nações e os continentes inteiros procuram bases comuns que lhes permitam ou manter certas distâncias ou ser amigos.

Nas famílias, as características adquiridas e herdadas pelo sangue são mantidas por seus membros. Em grupos mais amplos é comum a história coletiva, gravada no sangue, unir todas as pessoas. E nas nações e continentes, principalmente em nossa época, as discussões sobre a globalização dos bens e recursos financeiros desempenham um grande papel. Os indivíduos e os grupos erguem barreiras por detrás das quais esperam viver tranquilos, ou então acumulam suficiente poder para atacar seus vizinhos. Os homens escolhem seu território e se esforçam para mantê-lo. Seja um pedaço de terra, seja uma parte da economia, da política ou da cultura. Uma parte da sociedade.

Ocorre o mesmo com o indivíduo e com o grupo. Dentro dos limites estabelecidos, os «habitantes» de um território esforçam-se para se comportar como organismo estruturado. Eles tentam atingir as metas propostas, com os poderes de que dispõem. Quando esses esforços tocam as fronteiras do território, arriscam-se a transpô-lo e a atacar o território dos

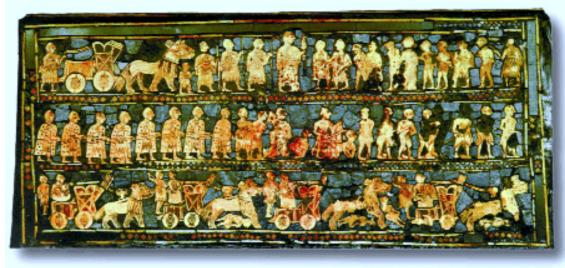
outros. Então, uma situação surge, quando os golpes chovem de um lado e do outro: é a guerra. Ou então reina um intercâmbio harmonioso de bens, dinheiro e cultura – e isto é a paz.

Guerra e paz na arte e na religião

A luta pela vida está profundamente enraizada no ser humano. Em todos os tempos essa luta tem sido o assunto preferido da arte e da religião. O heroísmo e a virtude deixam-se representar facilmente como expressões da «luta contra o mal». Isso aparece tanto nas artes plásticas como na música e na literatura, muitas vezes sob a influência da formação religiosa do artista. Muitos escritos religiosos apre-

Os conceitos «violência» e «não violência» remetem-nos à noção de «Deus o Pai». Deus o Pai, o Criador de nosso sistema solar, nos criou, no aspecto inicial, segundo a natureza. Se refletirmos bem, isto implica na idéia de autoconservação segundo a natureza. Deus assim quis, já que Ele fez disso um aspecto intrínseco de nosso ser. A autoconservação segundo a natureza é, portanto, em seu primeiro aspecto, a própria intenção de Deus.

(Extraído de Espada ou Cruz, violência ou não violência, Conferência de verão, 1936, Jan van Rijckenborgh)





sentam a luta entre as trevas e a luz, dentro do homem e fora dele, sob o aspecto de uma guerra. E lemos no Novo Testamento: «De onde provêm as lutas, e de onde vêm as disputas entre vós? Não serão vossas paixões que combatem em vossos membros?» (Tiago, 4:1).

Guerra, paz e ciência

Em princípio, o objetivo de um pesquisador científico é descobrir a verdade. Ou, em outras palavras: as relações entre certos fenômenos, por exemplo, na natureza, no homem, no universo, sobre a terra, ou a propósito do crescimento, da circulação dos bens e do dinheiro, ou das doenças, ou da própria ciência. Esse desejo de saber já provoca um avanço considerável da técnica. E, segundo os especialistas, as descobertas são suscetíveis de contribuir para o bem da humanidade. Mas eis que logo essas novas descobertas são utilizadas para bancar o mais esperto ou fazer um belo estrago. Procurar sempre o aperfeiçoamento provoca, com frequência, a luta heróica do homem contra o homem por meio de estratégias de guerra absolutamente destituídas de qualquer sentimento. Isso é muito eficaz quando são utilizadas armas de exterminação maciça... a despeito da Convenção de Genebra. Por um lado existem melhores condições de vida, mas por outro lado, mé-

Emblema de Ur, 2600-2400 a.C. O motivo do alto representa a luta; embaixo, a paz. Madeira com pedra de calcário vermelho e lápis-lazúli. Dialética é dualidade. Quando os dois pólos são desmascarados, a luz divina pode manifestar-se. Ilustração Pentagrama.

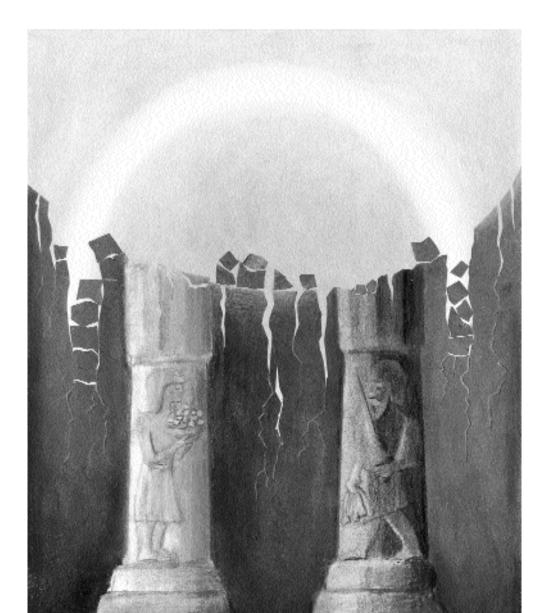
todos rápidos e cada vez mais engenhosos para aniquilar os seres humanos.

Após uma tal constatação é preciso, pois, perguntar por que se quer, ao mesmo tempo, melhorar a vida e preparar a guerra. Paulo disse a esse respeito: «O que eu quero fazer, não o faço. E o que eu não quero fazer, isso eu faço.» Não há nenhuma dúvida de que essas palavras dizem respeito a esse assunto. É que vivemos num mundo regido por forças opostas. O filósofo grego Heráclito (540-480 a.C.) escreveu: «Não conheceríamos a palavra justiça se a injustiça não existisse.» O mesmo acontece com a guerra e a paz. Só haverá paz quando a guerra tiver terminado.

O desejo dos cientistas pela verdade e sua contínua interrogação sobre o porquê e o como das coisas procedem de uma dupla força de ação: de um lado, a força que atrai para as esferas superiores, do outro, a força que agarra e arrasta para o declínio. Essas duas forças mantêm a dualidade da existência terrestre, chamada de dialética.

O mundo nasceu a partir de uma ruptura na simetria

Os seres humanos formam grupos no interior dos quais se desenvolve



um sistema de intercâmbio de informações, de idéias, de bens materiais etc. Ao lado disso, há um intercâmbio controlado com o ambiente, na medida em que o grupo esteja seguro de que seu próprio sistema não pode ser atacado. Portanto, não existe somente um sistema de defesa exterior mas, também, um sistema de defesa interior que controla os contatos com o ambiente que o cerca. A célula biológica é um exemplo disso. Ilya Prigogine, prêmio Nobel belga, fez pesquisas sobre matérias químicas que formam um tal sistema interior. Segundo ele, as combinações das matérias químicas no corpo são «dissipadoras». Quer dizer que elas transmitem respectivamente suas informações, dispersandoas. Os grupos humanos são «dissipadores»: falta-lhes, pois, o equilíbrio. Quando eles se afastam muito do ponto médio, eles se esforçam para restabelecer seu equilíbrio. Na maior parte do tempo é preciso que haja uma crise para que isso ocorra.

Com essa descoberta, Prigogine mostrou que o equilíbrio duradouro é impossível no interior de uma estrutura dialética, constatação que constitui o ponto de partida da sabedoria original.

Todas as estruturas ou sistemas internos, mesmo no nível molecular, possuem uma memória na qual registram seu desenvolvimento. Isso mostra que o espaço – fechar-se para outra dimensão - é uma característica fundamental do nosso campo de existência. O ser humano não deve jamais esquecer que ele só pode perceber as coisas materiais: aquelas que existem no seu espaço, no seu campo de vida. Aquilo que não é material e não tem estrutura espaço-tempo ultrapassa seu poder de concepção.

Como apareceram as dimensões do espaço e do tempo? Segundo o cosmólogo e astrônomo britânico Stephen Hawkins, elas surgiram pelo jogo da matéria, da antimatéria e da



energia. Antes da existência do espaço-tempo, a matéria transformava-se livremente em energia e vice-versa. Matéria e antimatéria estavam em uma relação mútua de equilíbrio absoluto. Num dado momento, muita matéria formou-se espontaneamente, e essa ruptura de simetria entre matéria e antimatéria acabou fazendo aparecer sistemas de espaço-tempo com um mundo exterior e interior. Essa ruptura de simetria impediu a manutenção do equilíbrio absoluto, e foi assim que surgiu o mundo do espaço-tempo, onde se alternam continuamente equilíbrio e crise.

Guerra devido à limitação

A limitação dos sistemas vivos se manifesta em todos os níveis. Em nível molecular segundo Prigogine, em nível interestelar, segundo Stephen Peace, vrede, Hawkins, e nos sistemas complexos – paix, Frieden... como o homem, a família, os grupos (Paz). Pôster de Svetlana Faldini de interesse, os povos, a Terra, o cos- e Alexander mo e a Via Láctea. Todos esses siste- Faldin, 1987.

Na porta da igreja um painel anuncia: Não temos serviço: os cristãos partiram para a guerra. Albert Hahn, (1877-1918).

mas se fecham para aquilo que os circunda e oscilam entre o equilíbrio e a crise, isto é, entre a paz e a guerra. A guerra e a paz marcam o universo com um traço vermelho. Ninguém pode dizer, em tempo de paz, que não haverá guerra. A guerra está sempre presente: somente o espaço e o tempo nos separam dela. Ela se subtrai à nossa percepção. A guerra chameja ininterruptamente como pequenas explosões. Ela é tão fundamental que está continuamente dentro de nós e ao nosso redor.

Então a paz absoluta não existe? Se a resposta for sim, onde podemos encontrá-la? Num mundo onde cada noção, cada idéia, acarreta diferenças de opiniões e significa desentendimento, portanto, a guerra? Num mundo onde tudo o que é velho quer se manter, enquanto o que é novo quer abrir uma passagem para libertar

os homens das suas ilusões?

No mundo atual, os seres humanos necessitam de espaço e de tempo para satisfazer suas necessidades vitais. O alimento que eles comem é perdido para outros; o espaço que eles ocupam não está mais disponível para os outros e precisa ser defendido sem cessar. Quando o espaço vital começa a faltar num país, a cobiça dos habitantes se volta para as regiões vizinhas, suas terras e seus recursos. A guerra acontece em diferentes níveis. Na sociedade, ela brada para obter poder, consideração, riqueza, etc. Mas existe também a guerra por idéias, ideologias, objetivos elevados, etc., assim como acontece com as opiniões políticas, científicas e artísticas.

A PAZ ABSOLUTA

Por que essa luta é dolorosa? Porque o homem sonha com a paz absoluta. E esse sonho se manifesta sob a forma de uma grande nostalgia. Mas, como podemos desejar a paz absoluta num mundo onde ela não existe? Essa questão traz um sentimento de desânimo pois, por um lado, existe o desejo e a presunção, e por outro, a impossibilidade. Portanto, é essa esperança interior, a esperança de um mundo sem guerra, que dá sistematicamente ânimo para a procura da paz – de uma paz que, no íntimo, sentimos ser possível.

Como o fundamento deste mundo é uma ruptura na simetria e uma desarmonia, esse desejo de paz, tão profundamente oculto, pode nos elevar acima deste mundo. O que é mais elevado e mais vasto do que o mundo no qual vivemos? Impossível de se imaginar. O pensamento da paz só nos faz imaginar homens e animais vivendo em harmonia uns com os outros. E se a desarmonia não existisse, faltaria da



mesma forma o infinito, a eternidade, um mundo que transcende tudo o que tem relação com o mundo comum.

Os reinos da natureza vivem para morrer e morrem para tornar a viver. Será que o homem sofre somente sob essa alternância? E por que sofre ele, exatamente? Porque ele compreende – talvez ainda não completamente – que lhe falta alguma coisa. E essa alguma coisa lhe falta porque ele a possuiu antes. Só podemos falar sobre isso por analogia e símbolos. Trata-se da «paz que ultrapassa todo entendimento.»

Por um lado, existem fases sucessivas de paz e de guerra nas civilizações em desenvolvimento. Por outro lado, existe essa paz «que ultrapassa todo entendimento» e que faz nascer pensamentos, opiniões e atos totalmente diferentes. A guerra e a paz comuns se mantêm mutuamente. Podemos descrevê-las colocando uma frente à outra para mostrarmos bem a fronteira que as separa. É assim que se constitui a percepção sensorial do homem: ele somente pode descrever e determinar as coisas comparativamente, por meio de seus limites. Os sentidos percebem, assim, uma estabilidade aparente, um equilíbrio aparente.

O que atormenta, inquieta e agita o homem, é a lembrança do equilíbrio absoluto, da «paz que ultrapassa todo entendimento». E ele sente mais ou menos que a porta que se abre para essa paz deve encontrar-se nele mesmo. Seu tormento é que, ao mesmo tempo em que ele é atraído com força para essa porta, sente-se também aterrorizado porque não pode prever as conseqüências.

Se essa porta existe – e ela existe – como nos aproximarmos dela e transpô-la? Se essa porta significa o fim de toda a luta, quem não desejaria abri-la para entrar? Afinal, não é assim que todos os esforços para alcançar a suposta «paz» mantêm esta porta hermeticamente fechada? Somente quando a consciência compreender que o desejo de paz e o desejo de guerra acarretam os mesmos efeitos é que a porta da eterna paz se tornará visível.

Todas as estruturas do mundo do espaço e do tempo se movem entre esses dois pólos: a guerra e a paz. Assim também acontece com o ser humano. No campo de tensão desses dois pólos, ele passa por experiências até que afluam do interior, do coração, as forças de uma estrutura absolutamente diferente. Nesse momento, comeca a neutralização sistemática do espaço e do tempo. O desejo e a vontade são purificados e se voltam para a grande meta original. Então, haverá crescimento da fé que pode «mover montanhas». Esta é a chave da porta que dá acesso à paz perfeita, e uma estrutura totalmente outra aparece: uma estrutura que não é deste mundo – o equilíbrio absoluto.

VERDADE, LIBERDADE, ESPADA.

«Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará» (João, 8:32). Qual é essa verdade mencionada nos Evangelhos? E como devemos considerar essa liberdade? Se considerarmos o homem desde o princípio de sua existência, veremos que uns lutam por sua própria verdade, e outros, por sua própria liberdade.

De acordo com a história do mundo, fica claro que o homem precisa lutar para alcançar a verdade e a liberdade. Cada um deve, um dia, descobrir que não é livre para pensar, nem para falar, nem para agir como desejaria. E se ele procurar elucidar o mistério de sua origem, concluirá que de fato ninguém sabe de onde provém a humanidade. Essa compreensão é o resultado de uma longa luta interior e, com freqüência, também exterior. O caminho que conduz à verdade e à liberdade está manifestamente sob o sinal da espada.

Em Mateus 10:34, Jesus diz: «Eu não vim para trazer a paz, mas, sim, a espada.» Esse Jesus não é o personagem que a teologia mostra, mas a alma pura que reside na verdade e na liberdade. É o homem que participa do campo de vida divino. Por isso, ele pode dizer que retornará ao reino de seu Pai. Quando ele diz: «Segui-me, sede meus imitadores.», ele nos convida a seguir o caminho da verdade e da liberdade.

A força com a qual ele testemunha abarca a humanidade inteira e interpela o coração das pessoas que chegaram ao início do caminho de retorno. Elas são tocadas pela Luz de Deus e elevadas acima de si mesmas. Dizendo de outra forma, acima das limitações de seu próprio eu, o qual é a fonte de toda luta. É possível também que elas compreendam falsamente esse chamado; que em lugar de renunciar ao seu eu para «poder seguir Jesus», elas o reforcem, o endureçam e se fechem na torre de marfim do orgulho e da presunção. Elas têm, então, o sentimento de serem as únicas encarregadas de uma missão especial. Que somente elas «conhecem Deus».

Nos povos que cultivaram esse sentimento, logo apareceu uma grande presunção. Eles colocam seu próprio mundo, seus próprios pensamentos e sua própria religião sobre um pedestal. Eles são facilmente manipulados e cultivam a intolerância, empunham a espada... e todas as armas mais sofisticadas de destruição. Eles vertem ondas de sangue em nome de sua verdade e de sua liberdade.

São as duras experiências que modificam o ser humano. Perguntamos se «os grandes deste mundo» tiveram razão, e se esse banho de sangue realmente trouxe a liberdade, perguntas estas, feitas após cada guerra, quando os vencedores e os vencidos curam seus ferimentos. E lenta e progressivamente, uma pequena luz pode começar a brilhar, um farol interior completamente independente das pretensas verdades e liberdades.

O desejo de liberdade

Há mais ou menos setecentos anos, os habitantes do Ocidente lutam para

encontrar a liberdade. Eles se voltaram contra os príncipes e os prelados que lhes prescreviam a lei: uma lei que se manifestou subitamente vazia, oca, sem correspondência com seu desejo nascente de justica, verdade e liberdade, esses valores fundamentais que definem atualmente «os direitos humanos». Na Europa, ao lado da nobreza e do clero, surgiu uma terceira força, a burguesia, que não se deixava comandar pelas autoridades. Foi isso que provocou a Revolução Francesa. O ideal dos revolucionários era: liberdade, igualdade, fraternidade - divisa escrita em suas bandeiras e que mobilizou a multidão. Será que os homens originais não eram livres, iguais e irmãos uns dos outros? Esse ideal elevado refletiu um pouco os direitos e deveres essenciais inscritos em todos os corações humanos. Os filósofos visionários queriam estabelecer o paraíso sobre a terra; os subjugados e explorados seguiram seus passos ativamente. O resultado? Como sempre, os fortes dominaram, à custa dos fraços. Assim como os nobres o fizeram no sistema feudal, como a Igreja o havia feito com sua hierarquia, deu-se a mesma coisa com as classes inferiores. Surgiu um sistema econômico liberal por meio do qual os economicamente fortes puderam submeter os economicamente fracos. A tocha da liberdade apagou-se aos poucos, e com a igualdade que logo desapareceu, você somente era irmão daqueles da teia que pensavam e viviam como você mesmo.

Mas novamente sobreviveram os espíritos livres, profundamente tocados em seu ser por algo indefinido que



os impulsionava a libertar seus irmãos de suas correntes. Eles propagaram a idéia da igualdade dos homens com as doutrinas do socialismo e do comunismo. Em grande número, arregaçaram as mangas e marcharam atrás da bandeira vermelha para realizar seu ideal. Entretanto, alguém disse um dia: «Se você tem vinte anos e não é socialista, é porque você não tem coração. Se tem quarenta e ainda é socialista, é porque não tem cérebro.», demonstrando, com isso, que a realização dos ideais é mais exigente do que a agitação social.

A libertação das classes operárias devia ser a solução. «Um fantasma assombra a Europa, o fantasma do comunismo.» Estas são as primeiras palavras do manifesto comunista publicado em 1848 por Karl Marx e Friedrich Engels. E o texto continua: «Todos os poderes da velha Europa se ligaram a fim de perseguir: o Papa, o Tsar,

Guirlanda para a celebração do dia I°. de Maio com o voto dos trabalhadores. Walter Crane, Mansell Collection.



Metternich e Guizot, os radicais da França e os politiqueiros alemães.»

O nascimento de uma nova consciência

A ditadura do proletariado, a sociedade sem classes, representava a liberdade para as massas. Uma nova consciência nasceria: cada um deveria trabalhar segundo suas capacidades e receber o que necessitasse — se a revolução cessasse um dia! Uma luta violenta desencadeou-se para a realização desses ideais. Agora que o comunismo caiu e que o socialismo milita pela prosperidade, o julgamento é fácil. Mas antes, ondas de sangue e de lágrimas foram vertidas sobre quase todos os países da Europa que sofreram essa influência.

Na segunda parte do século XX, pareceu evidente que a liberdade coletiva seria impossível. Uma parte da juventude tentou libertar-se das estruturas sociais. A moral lhes parecia um conceito caduco, eles a jogaram para o alto. «Façam amor, não façam guer-

ra!» gritavam os jovens do movimento hippie. Era essa a liberdade que a humanidade desejava? Foi em 1968 que o movimento contestador atingiu seu ponto culminante nas universidades da Europa Ocidental. Era preciso derrubar as tradicionais estruturas autoritárias sufocantes e centenárias. Os estudantes o exigiam. E novamente fazemos a pergunta: o que foi que aconteceu?

Em alguns países ocidentais, a esquerda, a direita e o centro se fundiram, tendo em vista um estado próspero. O indivíduo pode se desopilar. A carreira pessoal passa a ser mais importante do que a felicidade de seu parceiro ou de sua família. A prosperidade oferece com profusão os meios de satisfazer os desejos e as invejas. Cada vez menos pessoas assumem laços profundos, cada vez mais elas repelem consciência e moral e deixam-se aprisionar por todas as correntes da época. Para onde ir?

Muitas pessoas são atingidas psiquicamente e consultam psicoterapeutas, como se somente estes ainda pudessem curá-las! Ídolos sem alma influenciam as consciências que não

A Comunidade de Tolstoi em Bournemouth, Inglaterra, por volta de 1900. conhecem nada melhor. Faz-se de tudo para adquirir um belo corpo e conservá-lo. Longe de nós a velhice! Que a morte seja bela – pois esta é a única certeza. Tudo isso tem relação com a liberdade que procuramos? Com a verdade que esperamos encontrar?

Eu mesmo tudo estraguei

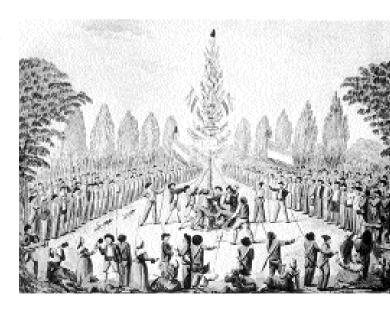
Assim, sozinhos e no grupo ao qual pertencemos, tivemos de descer ao vale profundo da desilusão e da dor para reconhecer a promessa de Cristo; para chegar a ponto de não jogar a culpa nos outros mas sobre nós mesmos, o que nos fez chegar a uma nova compreensão. O «a culpa é do outro» muda-se para «eu mesmo tudo estraguei»! Então sentimos Cristo como uma força purificadora e regeneradora, e não mais como um personagem ou um conceito para se adorar. A força crística rompe a ilusão e oferece ao mesmo tempo o poder de começar uma nova evolução verdadeiramente libertadora. Essa força é o critério de uma mudança fundamental, libera uma sabedoria interior, a Gnosis, e transcende todos os problemas.

Assim sendo, desenvolve-se uma visão autêntica do mundo e de suas possibilidades, e germina uma disposição para aceitar a existência de um mundo superior que nada tem a ver com o campo de batalha terrestre. Cristo disse: «Eu venci o mundo». Essas palavras são atuais e acarretam uma missão. Afinal, a verdade e a liberdade que a humanidade procura há tanto tempo procedem do triunfo sobre tudo o que é inferior e sobre todas as ambições.

Todo aquele que aceita a espada espiritual de Cristo percebe que passa através dos dois pólos contrários da existência terrestre. Uma nova consciência surge, a consciência da alma, que supera as limitações do eu. Essa consciência não pende nem para

a direita e nem para a esquerda, mas faz com que se siga o estreito e justo caminho ascendente. Ela se oferece ao peregrino que não teme a espada de Cristo, que persevera, e a quem é dado o poder da intuição consciente, poder com o qual ele pode auxiliar e servir seus semelhantes. Não se trata de auxiliar segundo os critérios das instituições caridosas, mas de liberar em outros o mesmo poder e de alçálos acima da luta generalizada. É uma intuição que surge quando a liberdade da alma é adquirida, e a alma é capaz de ligar-se à fonte da Verdade absoluta. Então, a experiência e a vida produzem, enfim, o fruto de todos os extravios, o bem que um dia foi prometido aos homens: «E compreendereis a verdade, e a verdade vos libertará».

O barrete frígio, símbolo da Revolução Francesa. Musée Carnavalet, Paris.



Luta: diversão ou escola da vida?

O filme conquistou o mundo em apenas uns cem anos. Os longas-metragens são produzidos e apresentados nos países mais industrializados. Mesmo que sejam informativos e que descontraiam, às vezes chocam e escandalizam. Simulando a realidade, eles descrevem um mundo de ilusão ou, então, um mundo de um realismo brutal.

A imitação da vida não é uma invenção dos tempos modernos. As antigas civilizações colocaram em cena certos temas de sua religião para instruir o povo e fazer com que ele os viva coletivamente. Em muitos países ainda é assim, apesar da penetração da TV nos mais longínguos desertos. A religião e a instrução estavam estreitamente interligadas. A representação dos mistérios tinha por finalidade religar os espectadores a valores e imagens superiores, como exemplos a serem seguidos. A moda do teatro popular foi o resultado do enfoque dos aspectos mais cotidianos da vida. O destino do homem, frequentemente obscuro e incompreensível, foi, em seguida, representado de forma tão penetrante que, após séculos, algumas dessas peças continuam atuais e populares. O homem de hoje tem o hábito de apresentar como «cultura» tudo o que os espetáculos demonstram sobre a vida, sem se preocupar com o nível dessa cultura. Ele tem uma necessidade imoderada de consumir essa vida imaginária e de identificar-se com seus intérpretes. Assim sendo, ele vive e padece por tabela e fica à margem da realidade.

O comportamento social não é somente determinado por reações instintivas, como acontece com o animal. Para fundar uma sociedade, é preciso, tanto quanto possível, deter as paixões naturais por meio de princípios e leis. Assim, uma comunidade se estabelece sob uma forte pressão moral e psicológica. Principalmente quando a roda do tempo já está girando, esta sociedade começa a imaginar que existe a possibilidade de libertação. Seus membros sentem um certo mal estar. Eles cedem à sua perturbação interior. O amor e o ódio, a luta, o egocentrismo e as manias de grandeza procuram exprimir-se. Para colocar os homens em seu devido lugar, são infligidas certas sanções. Mas, aqueles que experimentaram a liberdade pelo menos uma vez, buscam, transtornados, novos caminhos. Eles sentem uma grande angústia interior. De um lado, seu tormento os aflige e, por outro, se sentem enganados e sem rumo, por causa do medo e dos desvios da vida.

Os princípios éticos se desfazem

Por que acontece sempre assim? Por que o ser humano não pode viver simplesmente em harmonia com seu mundo? Para muitos não existe problema. Mas, assim que eles entram em contacto com a cultura materialista e todos os desejos que dela nascem, seus nobres princípios éticos se desfazem. Aos poucos eles se desligam do que constituía sua base interior até que nem se perguntam



mais como chegaram a esse ponto. É uma «queda» por assim dizer, um extraviar-se quando eles abandonam os fundamentos da vida divina original. Então, eles se encontram num mundo de oposição e de luta, com o objetivo de tornar-se conscientes «do que é preciso fazer ou não fazer», para procurar o caminho do retorno. Mas existe também uma «queda» proveniente do desvio do poder mental, da construção de um mundo de aparências, onde o desejo de retornar se extingue lentamente. Na natureza, reina uma interação harmoniosa entre todas as coisas criadas, entre a criatura e tudo que a rodeia. Mas o materialista criou para si um mundo ilusório, onde a harmonia não existe e é substituída pelo conflito permanente, às vezes em

forma embrionária, às vezes explodindo em destruições maciças.

O espelho da mentira

A sabedoria original nos ensina que o homem não está em sua casa neste mundo onde se alternam alegrias e dificuldades. No princípio, o homem era um filho de Deus, dotado de poderes divinos tais como a sabedoria, o amor, a força criadora. Tais poderes operavam em harmonia num mundo simples e puro, criado para Filhos divinos. Mas o homem induzido ao erro se interessou por esse campo de vida e o corrompeu. A harmonia e os poderes subseqüentes se perderam aos poucos. Designamos esse processo como a queda pelo peca-

Uma explosão de luz dissipa toda a escuridão. Ilustração Pentagrama.



do. A dimensão cósmica desse acontecimento ultrapassa a compreensão do homem terrestre. O escritor dinamarquês Hans Christian Andersen tentou dar uma idéia disso em seu conto de 1874, «A Rainha das Neves». Ele conta que o diabo havia fabricado um grande espelho no qual todo o bem que nele se refletia era reduzido a nada, enquanto que todo o mal aparecia mais horrível do que nunca. Após ter brincado um momento com o espelho sobre a Terra, o diabo quis levá-lo para o céu «para zombar do Nosso Senhor». Mas, quanto mais alto ele subia, mais o espelho comecava a vibrar entre suas mãos. Finalmente, ele cai sobre a Terra e se quebra em mil pedaços, e fragmentos de todos os tamanhos penetram nos olhos e nos corações dos seres humanos. Alguns corações se transformaram em pedaços de gelo e outros perderam a faculdade de sentir. E quem tivesse um fragmento como este no olho, tornavase incapaz de ternura e percebia tudo de modo falso e distorcido.

Criar a partir das ilusões

O mundo tornouse um espelho rachado onde tudo

O espelho do diabo é um magnífiaparece deformado. co símbolo da esfera astral da Terra.

Essa esfera está tão deformada e poluída pela «queda» contínua do homem, que ela funciona como um pedaço de espelho do diabo na consciência humana. Da esfera astral nós tiramos nossas representações mentais e é a partir delas que funcionamos e que criamos nosso mundo ilusório com nossa compreensão. Essa compreensão é o instrumento do homem extraviado, amoldado e alimentado por seu mundo fictício onde não encontramos nem harmonia nem unidade, nem mesmo entre dois seres perfeitamente de acordo. Cada um tem sua assinatura própria. Apesar de sua cabeça e seu coração se afinarem, nem por isso deixam de ser estranhos um para o outro. Apenas quando conseguirem realizar um equilíbrio completo entre cabeça e coração, então, um pouco da unidade divina poderá ressoar dentro deles. Assim, será possível ultrapassar e resolver o eterno conflito entre «eu e você», «nós e eles», «homem e mulher», «meu povo e os estrangeiros», «minha raça e as outras».

Por mais longe que o extravio tenha levado o homem sofredor e pesquisador, ele chegará ao «totalmente outro» dentro dele, a partir da experiência em todos os níveis e da especulação sobre este «totalmente outro». Mas, em geral, ele só percebe a voz da centelha divina original como um vago desejo de perfeição. E se ele não tem consciência de onde esse desejo provém, ele compreende seu desejo de forma errônea e deixase abusar pelos traficantes de religião. Ele ainda não sabe orientar-se corretamente, volta-se para o lado errado, e sua vida, após um momento de equilíbrio enganoso, perde seu aprumo, até que ele descubra conscientemente a chave de seu coração.

A maior parte da humanidade encontra-se nessa situação tão instável. O homem moderno está desorientado num mundo que ainda não está aberto para a única Fonte de Vida. É

preciso espantar-se que a humanidade esteja submergida em conflitos de todas as espécies? Que o caos e destruições sejam o pão de cada dia das mídias? Que tanta gente tenha tantos problemas?

O GRITO DA FATALIDADE: UM DIVERTIMENTO?

Para não afundar na aflição, os seres humanos dos dias de hoje têm a tendência de projetar seus problemas fora deles mesmos, como se fossem imagens divertidas para se ver, onde o perpétuo combate entre interior e exterior é um espetáculo cômico, para não dizer trágico. Muitos assistem a este espetáculo para se divertir; poucos o assistem para refletir. O fato é que as formas abstratas não se prestam muito bem a esta finalidade. As imagens brutais da vida vão impressionar ao vivo os espectadores, assim como os grupos de teatro itinerante faziam na Idade Média, ou nos espetáculos populares do antigo Egito. As situações aí representadas deveriam abrir os olhos dos espectadores... ou mergulhá-los no esquecimento inebriante de seu próprio destino! Desse modo, eles deixam de se absorver com o que se passa dentro deles para observar a miséria dos outros. Entretanto, uma tão grande objetivação poderia trazer alguma luz, no espaço de um momento! No entanto, a diversão das multidões tem, principalmente, a finalidade de abafar o chamado dilacerante que vem do coração.

A purificação pelo autoconhecimento

Grandes escritores se inclinam também sobre essas questões, menos com a finalidade de criar e de satisfazer uma necessidade de distração do que de elevar o homem pela compreensão. O leitor deve trabalhar sua imaginação para ver e sentir o que o autor lhe apresenta. Ele vai, assim, aprender a se conhecer, como num espelho. Ele se sente tocado pela sorte dos atores. Ele extrai daí alguma compreensão da vida dos outros e dele mesmo. Não são somente os outros que se tornam culpados e precisam sofrer: ele se reconhece a si mesmo, é sua vida que se desenrola diante dele. Assim, os grandes poetas, compositores e pintores podem elevar um leitor, ouvinte ou espectador acima de seus limites interiores, revelar no tempo e espaço esse «totalmente outro», bem superior, que o habita e do qual o artista tem a intuição.

Geralmente, passar da idéia à compreensão profunda é um longo caminho a ser percorrido. Ver, contemplar, ainda não é a vitória. Podemos nos deleitar por muito tempo com as representações artísticas que traduzem a condição humana, mas isso não é, de modo algum, a solução dos conflitos interiores. Para isso, a compreensão é necessária. Compreensão das sutis invenções tão sedutoras deste mundo de ilusão. A saída surge quando nossa própria consciência desmascara as quimeras da civilização presente. Então, a verdade se faz compreender ao ouvido interior e podemos nos conduzir segundo o novo método indicado: perder toda a ilusão e sair da luta que procede de toda ilusão.



Todos nós, todos, sem exceção, éramos culpados do desencadeamento mundial da guerra. Nós conhecíamos o Amor, mas não o tínhamos vivido como Deus o exigia. Cada um de nós trabalhava e plantava seu jardinzinho, mas, ao grande jardim do mundo, cheio de potencialidade, ainda não tínhamos dado o verdadeiro valor.

(Violência ou não violência, p.2)